

O ÚLTIMO GARRETT: INQUIETUDES NA ESFERA PÚBLICA, DRAMAS ÍNTIMOS NA VIDA E NA LITERATURA (1843 – 1854)

Sérgio Nazar David
(UERJ/CNPq)

RESUMO

O artigo aborda o amor e a questão paterna na obra madura de Almeida Garrett, ligando vida e obra, correspondência amorosa com *Viagens na minha terra* (1843-1845-1846), *O arco de Sant'Ana* (1845-1850) e a poesia, *Flores sem fruto* (1845) e *Folhas caídas* (1853).

PALAVRAS-CHAVE: intimidade, esfera pública, esfera privada, obra madura de Garrett (1843 - 1854)

1.

Durante os longos anos em que venho trabalhando com a obra de Garrett – um caminho que já começa a não ser curto – muitas vezes tive minhas convicções abaladas. Alguns pontos, entretanto, os fundamentais, permaneceram inalterados. De forma que, quando retorno ao primeiro escrito que produzi sobre esta matéria, vejo que resistiu em parte ao teste do tempo e ainda representa um pouco do que vim formulando e desenvolvendo depois, à medida que eu fui lendo em maior extensão a obra de Garrett, conhecendo melhor a história tão atribulada

do século XIX português (em especial da primeira metade), dialogando mais vivamente com os meus colegas que também fizeram e fazem da obra de Garrett objeto de pesquisa.

Venho perseguindo e retomando algumas perguntas: Garrett é romântico? Com todas as letras talvez não. Ao seu modo, sim. Está dentro da sua época? De alguma maneira sim, muito embora se contraponha a ela todo o tempo. Inova a língua literária? Sim, e muito. Inova no modo de conduzir a narrativa literária? Já sabemos que sim, e já há inúmeros estudos importantes sobre o assunto. Faz poesia de um modo diferente? Qualquer leitor medianamente sensível que ler poemas de outros poetas contemporâneos e confrontá-los com os poemas de *Folhas caídas* verá que a dicção é completamente outra. Qual seria a espinha dorsal da obra de Garrett? Ele mesmo o diz repetidas vezes (em *Portugal na balança da Europa*, em *Viagens na minha terra* e em *O arco de Sant'Ana*): está na confluência entre Cristianismo e Liberalismo.¹

Para cada uma das respostas que fui formulando, encontrei confirmações que a embasavam, bem assim evidentes ambiguidades e contradições. Para só citar um exemplo: Garrett se alinha à Ilustração, ao que denomina “Luzes da Razão”; por outro lado foi educado na religião católica e era súdito leal de Sua Majestade, a Rainha Dona Maria II. Suas obras, sobretudo *Viagens na minha terra* e *O arco de Sant'Ana*, armam-se sobre o tripé Igualdade, Liberdade e Fraternidade. Mas, em contrapartida, ali também está em cena por vezes uma lenda nascida na Contrarreforma, a de que o pecado será punido. Portanto, vamos observando, não há rompimento, mas tensão permanente: um impulso à emancipação, contraposto quase sempre ao empuxo de submissão. O que subjaz à história de Carlos e de Vasco – e parece movê-los – talvez seja o mesmo fio que impele Garrett a dar seus passos para a independência, acompanhados, entretanto, de angústia e culpa. Esta é a tese fundamental deste artigo, que passo a desenvolver.

O mais recente trabalho de fôlego que fiz sobre Garrett foi editar a sua correspondência amorosa com Rosa Montufar Barreiros, Viscondessa de Nossa Senhora da Luz. Quando comecei este trabalho, já conhecia as vinte e duas cartas pela edição de José Bruno Carreiro (de 1954) e também o testemunho de Gomes de Amorim, que, nos dois terços finais do terceiro volume de *Memórias biográficas*, dá-nos algumas das páginas mais pungentes que já se escreveram sobre a vida de Garrett (AMORIM, 1884, tomo III).

Em 2004, preparei a edição crítica, que publiquei pela 7Letras, com subsídio do então chamado Instituto Português do Livro e das Bibliotecas (IPLB), das *Cartas de amor à Viscondessa da Luz*, de Garrett. Fui aos Açores consultar os manuscritos, fui a Coimbra, estive com a professora Ofélia Paiva Monteiro e com a professora Maria Helena Santana, que muito me ajudaram no planejamento do livro e, de modo mais específico, na fixação do texto das 22 cartas de Garrett. Em 2007, saiu a edição portuguesa (2ª. edição, revista), das *Cartas de amor à Viscondessa da Luz* (Edições Quasi, com subsídio da Fundação Calouste Gulbenkian), já com o manuscrito transcrito na íntegra, graças ao valioso apoio da historiadora e paleógrafa Ana Cristina Costa Gomes, do Centro Científico e Cultural de Macau (Lisboa).

Na introdução ao volume, faço uma breve reflexão sobre a íntima relação entre esta inflamada correspondência e os livros *Flores sem fruto* (1845) e *Folhas caídas* (1853). Há, entretanto, um pouco mais ainda a avançar.

Proponho, neste trabalho, uma breve abordagem do amor e da questão paterna, ligando vida e obra, ligando a correspondência amorosa com *Viagens na minha terra*, *O arco de Sant'Ana* e a poesia publicada por Garrett em sua última década de vida. Faço-o perguntando: como os heróis Vasco e Carlos se posicionam diante do desejo? E em seguida: como o Garrett poeta se posiciona diante do desejo? Mais: como o homem Garrett, ao escrever a sua amada, se posiciona diante do desejo? E por fim: há algo que una tudo isto? Movemo-nos, para responder às proposições acima, no âmbito dos assuntos públicos (luta dos heróis garrettianos no mundo da política sobretudo) e dos assuntos da esfera íntima (com destaque para o amor).

II.

Antes de mais nada, algo que talvez deva ser chamado de “questão de método”. Abordo a literatura, em suas relações com a história, com o contexto em que esta é produzida, e o faço informado pela psicanálise. Não se trata de transpor para a literatura algo que é formulado pela psicanálise. Ou seja: o que se quer não é usar a literatura para exemplificar a psicanálise.

Lembro que foi apoiando-se na própria literatura e na arte que Freud formulou alguns de seus conceitos capitais. Isto significa que, para Freud, os escritores (e os artistas) sabem das coisas. Mas este saber

está na obra, nas grandes obras, quase sempre nas profundezas, nos silêncios, numa pequena frase que às vezes um personagem diz, numa vacilação do narrador: “Tomar os personagens e suas peripécias”, escreve Renato Mezan, em *Tempo de muda*, “como se fossem pessoas reais, perscrutar seus motivos e a lógica do seu comportamento, tirar deste exame alguma hipótese sobre os mecanismos que possivelmente operam em nosso íntimo – este é o sentido da leitura psicanalítica.” (MEZAN, 1998, p. 78). Portanto, que não se espere de uma leitura “informada pela psicanálise” (GAY, 1988, p. 17) uma última palavra que confirme o conhecido e banal “Freud explica”. A busca que empreendemos é feita sob o signo do “talvez”. E é só assim que podemos seguir.

III.

Viagens na minha terra foi escrito e publicado em um período de fortes turbulências políticas. A publicação iniciou-se em 1843 e saíram os seis capítulos iniciais na *Revista Universal Lisbonense*, dirigida à ocasião por António Feliciano de Castilho. A publicação é interrompida, certamente – se seguirmos os indícios que o próprio conjunto da *Revista* nos dá – por razões políticas². Em 1845, estes mesmos seis capítulos são reimpressos, com alterações, algumas delas substanciais; e então a publicação seguirá até o capítulo XXV. Junto com o capítulo XXIV, de 11 de dezembro de 1845, na *Revista*, sai um anúncio da publicação do primeiro tomo, que se daria em inícios de 1846. Este terminou por ser o célebre prefácio assinado pelos editores que acompanha e abre a edição em livro (de 1846) cuja autoria Gomes de Amorim atribui ao próprio Garrett (AMORIM, tomo III, p. 75). Entre o texto impresso na *Revista* e o que vem a seguir na primeira edição em livro há também pequenas diferenças. É então ao longo de 1846 que saem na *Revista Universal Lisbonense* os capítulos subsequentes, que integrarão o segundo tomo, igualmente de 1846. Portanto, temos aqui um livro escrito durante a ditadura cabralista. Talvez apenas os capítulos que vieram a integrar o segundo tomo da edição em livro, de XXVI em diante, tenham sido publicados em ambiente mais arejado, que foi o curto período do gabinete Palmela, que se inicia logo após a revolta da Maria da Fonte, em março de 1846, e se encerra em outubro de 1846 com a subida do Duque de Saldanha ao poder.

O que *Viagens* nos faz entrever é bem menos do que foi de fato aquele período. Vejamos o testemunho de Bulhão Pato, que, já afastado no tempo, publicará no primeiro tomo de suas *Memórias* (em 1894):

Seja qual for o ponto de vista por onde o historiador encare a revolução liberal, a verdade é que nenhum espírito despreocupado e justo lhe pode negar a grandeza. Não eram retórica as palavras – masmorra, exílio, patíbulo, campo de batalha! Uns tinham gemido nos ergástulos, outros experimentado as penúrias da emigração. Este perdera um parente ou um amigo na forca, aquele tinha assinalado no corpo, por uma cicatriz, um dia de refrega! Passos Manuel, nas conversações do Marrare, tomava a presidência. (PATO, s./d., tomo I, p. 79)

Garrett acompanhava de perto os acontecimentos políticos e também frequentava – Bulhão Pato o atesta –, com assiduidade o Marrare (onde se reuniam os patulêus). Era prudente, também porque não queria aliar-se aos miguelistas. Procurava manter publicamente, na medida do possível, uma posição “insuspeita” (de equidistância), porque, como diz em carta a Rodrigo da Fonseca Magalhães, “[viu] do princípio que por bastante tempo outra era impossível com proveito público”, e assim “[vê] todos, e com todos [fala] em negócios que de outro modo não são tratáveis”. Mas isto, como lembra Garrett, não se confunde com alienação, com ser poeta em tempos de prosa: “Se se tenta alguma coisa, é preciso tentá-lo já, isto é, prepará-lo; e parece-me a mim que posso ajudar-te nalguma coisa, especialmente porque cuidam que o não pretendo. (...) Pensa, e se julgares que podemos com um acordo perfeito, íntimo, mas secreto, fazer algum bem a esta pobre terra, avisa das horas mais convenientes de te ver. E tu bem sabes que não sou poeta em tempos de prosa, e que todos valem mais que eu, menos em lealdade e certeza que ninguém mais que eu vale.”³

O que temos em *Viagens* não é um ataque direto ao cabralismo, mas sim aos barões, aos caminhos de ferro, à agiotagem, à imprensa, aos frades do miguelismo, à literatura escapista (espiritualista em tempos de materialismo). Sim, não é um ataque direto, mas é um ataque, feito com alguma reserva e cuidado. Não é à toa que os dois livros – *Viagens na minha terra* e *O arco de Sant’Ana* – são acusados de mau uso da literatura, que, julgam os acusadores, talvez devesse ser mesmo espiritualista. E também não é à toa que vêm em defesa de Garrett ninguém menos do que Oliveira Marreca e A. P. Lopes de Mendonça, nas páginas d’ *A Revolução de Setembro* ⁴.

O que o Garrett já maduro faz é defender, uma vez mais e com o devido cuidado, os ideais de Liberdade associados ao Cristianismo, que seria como, em seu modo de ver, deveria caminhar a sociedade. Vejam que no homem Garrett há uma força que o empurra para a luta naqueles tempos de prosa. E há outra força que o leva a abdicar da luta. O verbo “abdicar” é do próprio Garrett em passo anterior da carta a Rodrigo supracitada: “Eu digo a todos que não sou de políticas, e que abdiquei, mas a ti digo-te que escolhi de propósito e de longamão esta posição insuspeita (...)”⁵.

No miolo de *Viagens na minha terra* e *d’O arco de Sant’Ana* está a luta contra o pai, o assassinato simbólico do pai. Freud, no prefácio à segunda edição de *A interpretação dos sonhos*, refere-se à morte do pai como “o evento mais importante”, “a perda mais pungente da vida de um homem” (FREUD, 2001, p.14). Tanto num caso quanto no outro, temos dois enredos paralelos. Um: o enredo que trata dos crimes do pai (do Bispo ou do Frei Dinis) que vão sendo elucidados ao longo da intriga, em fina articulação com a trajetória amorosa dos filhos, Vasco e Carlos. Dois: o enredo que enfoca a luta de ambos no campo do social. Vasco luta contra as arbitrariedades do bispo do Porto, e Carlos sai de casa porque suspeita de algum mal secreto que mancharia a pureza da casa do Vale de Santarém e porque quer lutar ao lado dos exércitos de D. Pedro.

A luta social está marcada pela tentativa de superar o pai. O pai fraco, o pai que comete delitos do ponto de vista das leis sociais, é sintoma de uma sociedade pautada na hierarquia que quer reformar-se. O pai fraco é também sintoma de um drama íntimo vivido pelos filhos, Carlos e Vasco, que assim o veem.

A tentativa de superação de um conflito íntimo, familiar, é também alavanca para a luta social. De pronto, devemos notar que ambos (Frei Dinis e o Bispo) pertencem aos quadros da Igreja. Ambos representam o poder patriarcal na família e no quadro mais amplo da sociedade. Ambos precisam ser ultrapassados de algum modo. Mas, no momento em que se descobrem os crimes dos pais, tanto Vasco quanto Carlos recuam diante daquilo que se anunciava ao leitor num certo horizonte de expectativas.

Carlos vira barão e abdica de escolher uma mulher. Vasco substitui o pai carrasco (o Bispo) pelo pai herói (D. Pedro). O pai que vem em suplência ao mau bispo do Porto é D. Pedro I, o Justiceiro, que vem

fazer justiça a todos, como se os conflitos ali presentes não fossem também conflitos íntimos e de classe. As duas narrativas caminham para a concórdia, não para a ruptura.

Pergunto: o que fica escondido n' *O arco de Sant'Ana*? O D. Pedro amante de dona Inês! *O arco de Sant'Ana* tem trinta e oito capítulos! E é só no penúltimo, o XXXVII, que Garrett registra: “Nem sempre fora cru o amante de Inês.” (GARRETT, 2004, p. 349) O que se quer esconder n' *O Arco de Sant'Ana* é que também aquele rei justiceiro é afetado pelo sexual.

Tanto o Bispo quanto Frei Dinis, quando escolhem uma mulher, têm esta escolha marcada com o selo de indignidade. Na verdade, a mancha de “ato indigno”, numa sociedade como aquela, sempre ronda qualquer escolha subjetiva.

Mesmo Carlos, que flerta com várias mulheres e luta ao lado dos exércitos liberais, enquanto não descobriu o crime do pai, depois da descoberta vai abdicar da luta social (o que talvez mostre que aquilo era só uma desculpa) e não será capaz de fazer uma escolha afetiva. Aí sim está definitivamente amarrado ao baronato e a uma posição de refém do mundo e de si mesmo. Talvez devêssemos considerar que uma aposta subjetiva (no que se deseja) possa estar de algum modo a partir de então associada ao ato criminoso do pai, que fora amante de uma mulher casada, e depois matara o marido (suposto pai de Carlos até então) e o irmão desta mulher (pai de Joaninha). Para se distinguir do pai, tem de ir ao extremo oposto. O pai renunciara aos bens do mundo transformando-se em franciscano (ordem que tem o voto de pobreza)? Pois muito bem: Carlos vira barão! O pai renuncia a uma vida afetiva (voto de castidade)? Então: Carlos vive na inconstância, nos prazeres mundanos, dos quais não estão excluídas as mulheres.

Garrett encena aqui (em torno do pai) de modo admirável e dramático talvez o impasse maior do século vitoriano. Diante deste impasse, o caminho que se descortina é a renúncia. Pouco mais de uma década depois, um outro escritor – mais garrettiano do que normalmente se supõe –, Júlio Dinis, dará uma nova feição e roupagem ao mesmo dilema. Reparem que quanto mais demonstram disposição de renunciar ao que lhes é mais próprio em nome do mundo dos pais mais chances têm os heróis dinisianos de ter o que querem. Cito dois exemplos: Margarida (n' *As pupilas do senhor Reitor*) e Jorge (em *Os fidalgos da Casa Mourisca*). É renunciando que terminam por realizar o sonho burguês:

dinheiro, posição, amor, e – não nos iludamos com o silêncio que paira sobre o tema nas obras de Dinis – também... gozo sexual.

O Autor-Garrett diz-nos que foi o Mundo que arrastou Carlos das formas puras do homem natural – ao feitiço da filosofia de Jean-Jacques Rousseau – para transformá-lo no aleijão moral chamado “barão”. Mas isto é história da carochinha. É mesmo mais tranquilizador atribuir ao outro o que é de sua responsabilidade. Existe no Carlos que permite que Georgina vire abadessa de um convento e que Joanhinha morra cercada da pureza idílica do Vale de Santarém, existe no Carlos barão um homem que recua diante do desejo após descobrir os crimes do pai. O recuo de Carlos é uma renúncia ao que lhe é mais próprio, ao mesmo tempo em que se refugia no bem-estar do corpo, no que Lacan chama, no Seminário 8, *A transferência*, de “serviço dos bens”. Carlos parece debulhar a hoje já tão velha cantilena: não mereço nada, só me resta o bem-estar do corpo. Trata-se de uma moral ligada apenas ao que se pode chamar de sinais exteriores de valor.

Carlos sente culpa, em sua carta final a Joanhinha. Sente-se culpado por ter se deixado arrastar pelas forças mundanas. Mas sua culpa é na verdade aquela única pela qual qualquer um pode ser culpado: de ter cedido de seu desejo. Sua culpa esconde um saber: de que ele tem alguma responsabilidade diante do que lhe ocorre.

Vasco faz um caminho aparentemente diferente, mas no fundo bastante semelhante. Luta contra o Bispo, mas termina, após descobrir que o Bispo é o seu pai (vejam que “pai” não se reduz ao aspecto biológico), por proteger a vida deste pai e instaurar uma nova ordem, que não é tão nova assim (a monarquia constitucional seria um modo de coadunar o velho com o novo). Vasco casa-se com Gertrudinhas, dentro do modelo já tão propalado, na Europa vitoriana, das duas metades que se encontram e se completam. Este modelo que supõe um encontro sem nada faltar só pode ser mantido na medida em que poderosas leis de doutrinação social se armam e são aceitas pelo sujeito, para lhe fazer crer que tudo o mais que insiste em faltar não tem nenhum valor. Aceitar que sempre falta alguma coisa e posicionar-se diante disto é uma coisa. Fazer de conta que se tem tudo é outra bem diferente.

É preciso renunciar a um saber e denegar a castração (que insiste em dizer-nos que a falta tem uma função) para manter este modelo que de algum modo convém ao século vitoriano. E é exatamente quando esta renúncia torna-se insuportável que virá o único caminho possível:

o inferno da culpa. É aqui que podemos adentrar o Garrett que escreve à sua amada e o Garrett que escreve os poemas que integrarão *Flores sem fruto* e *Folhas caídas*.

IV.

Na primeira carta à Viscondessa da Luz, lemos: “possuir-te é gozar de um tesouro infinito, inesgotável”, “depois de ti, toda a mulher é impossível para mim, que antes de ti não conheci nenhuma que me pudesse fixar”, “estou agora seguro deste amor”, “já nada creio que o possa destruir”, “tinha desesperado de encontrar a mulher que Deus formara à minha similhaça – achei-a em ti, e já não desejo a vida senão para gozar contigo”, “estou persuadido que o mesmo passou por ti”, “este é o teu verdadeiro primeiro amor, em que alma, sentidos, coração, estima, afecto e entusiasmo estão reunidos, porque sem estas coisas todas bem sabes que não pode haver amor real e verdadeiro”, “sou como um instrumento em que todas as cordas quebraram menos uma – e que já não dá mais que um som em qualquer parte e por qualquer modo que o firam” (GARRETT, 2004a, p. 85-86). Então temos aqui a suposição de que neste encontro nada falta. E vejam que a componente sexual não está excluída. Carta III: “Sempre me persuadi que a posse matava o amor no homem, e daí por necessária reflexão, morria o da mulher. Tu convenceste-me do contrário, distraíste a minha incredulidade, e amo-te ainda mais porque me fazes estimar a mim próprio.” (GARRETT, 2004a, p. 97)

Sabemos o quanto a cultura vitoriana dividiu tudo que se passava na esfera do amor em duas direções, que Freud resumiu muito bem, em *Contribuições à psicologia do amor*, quando disserta sobre certo tipo de malogro interior vivido pelos homens: “quando amam”, registra Freud, “não desejam; e, quando desejam, não podem amar.” (FREUD, 1997, p. 81) Este impasse que Freud chamou de “impotência psíquica” (FREUD, 1997, p. 83) vamos encontrá-lo no Carlos, d’*Os Maias*, antes de conhecer Maria Eduarda e no estranho José Matias, que fecha o século XIX, mostrando-nos que o que o paralisa diante de Elisa não são os interditos sociais. Há algo de intransponível na confluência entre o amor e o desejo sexual que paralisa José Matias e do qual ele crê ser possível se esquivar.⁶

Mas com Garrett, neste momento em que escreve à Viscondessa da Luz, tudo parece se passar de modo diverso. Digo que parece, por-

que minha tese caminha mais no sentido de considerar que este conflito, nuclear no campo do amor em Garrett (entre amar e querer), é momentaneamente superado. Momentaneamente, porque creio que há algo no objeto amoroso que lembra o objeto proibido (objeto incestuoso), mas não é: “és minha esposa sobre tudo o mais; és a minha vida, és o meu amor, és o pensamento da minha existência toda, és a minha amante idolatrada, a minha Gisela divina, a amiga fiel do meu coração, és tudo, tudo, mas sobre tudo e mais que tudo, és a minha esposa.” (GARRETT, 2004a, p.176)

Garrett mistura “esposa” com “amante”. A ambiguidade permite que esta mulher habite um regime de exceção. Como não nos lembrarmos, neste passo, do poema “Anjo és”, cuja primeira estrofe termina por “anjo és tu, não és mulher”, cuja segunda estrofe, num crescendo, avança para “Que anjo és tu? / Em nome de quem vieste? / Paz ou guerra me trouxeste / De Jeová ou Belzebu?”, e cuja terceira e última estrofe fecha-se de modo inquietante: “Dou-me a ti, anjo maldito, / Que este ardor que me devora / É já fogo de precito, / Fogo eterno, que em má hora / Trouxeste de lá... De donde? / Em que mistérios se esconde / Teu fatal, estranho ser! / Anjo és ou és mulher?” (GARRETT, 1975, p. 298-299) Os incautos podem ler esta pergunta final como uma pergunta retórica, como se Garrett aqui afirmasse subliminarmente “és mulher!” Retirar o dado conflituoso e dramático do poema é, mais do que tudo, de certo modo dar a Garrett um lugar de refém das circunstâncias e do conjunto de valores sociais que emolduram o seu viver, mas que não o determinam completamente.

Volto com isto à assertiva inicial, modificando-a: há em Garrett uma força que o impele à superação de impasses capitais diante dos quais submergiram tantos homens de seu tempo. Em contrapartida, há também algo que o traz novamente para o malogro inicial, para a renúncia ao desejo. É porque o objeto amoroso é anjo e é mulher, é por isso que ele pode ser escolhido. É por isso que o sujeito pode amá-lo e desejá-lo sexualmente. Mas isto não significa apaziguamento absoluto. E é porque não entende isto, é porque não entende que a contingência do encontro com uma mulher não inclui um saber absoluto sobre a mulher e sobre o amor – é por isso que, quando algo falha, só restam então dois caminhos, que terminam por ser um único. O primeiro: “não te amo / quero-te” e “indigno sou” (GARRETT, 1975, p. 292-293). O segundo: “tu não me amas / queres-me” e indigna és (GARRETT, 2004a,

p. 208). E completa: “Eu por mim e por proveito meu, seja ele qual for, não renuncio a ti. Nem a morte nem a desonra nada me faria consentir nesse sacrifício – mas por ti, por amor a ti (não a mim, nunca!) estou pronto. E repito, é muito melhor, é forçoso então que seja agora.” (GARRETT, 2004a, p. 208) Portanto, afirma que não renuncia, mas termina por dizer que o fará, porque a considera uma “mulher do mundo”:

Oh! mulheres do mundo, mulheres do mundo! que fizeram o seu Deus desse ente fabuloso chamado Mundo, Deus caprichoso, e ingrato que despreza os sacrifícios enormes que desonram as mais virtuosas, e exalta o vício mais descarado. (...) A esse Deus fantástico a mulher do mundo sacrifica tudo – e a esse ama só, deu-lhe o seu coração; como há-de tê-lo o pobre amante? (GARRETT, 2004a, p. 209)

Também Carlos termina assim: “A mulher que me amar”, escreve a Joaquina, “há-de ser infeliz por força, a que me entregar o seu destino, há-de vê-lo perdido. Não quero, não posso, não devo amar a mais ninguém. A desolação e o opróbrio entraram no seio da nossa família. Eu renuncio para sempre ao lar doméstico, a tudo quanto quis, a tudo quanto posso querer.” (GARRETT, 1963, p. 339)

À época da morte de Garrett, ficou famoso o chiste atribuído a Rodrigo da Fonseca Magalhães, então ministro do Reino: “Morreu abraçado à CRUZ, com os olhos na LUZ.” Teria sido no Cemitério dos Prazeres, segundo Gomes de Amorim, que Rodrigo “proferiu (...) o epigrama” (AMORIM, 1884, tomo III, p. 687). O chiste vale pelo que consegue resumir do drama de Garrett, que se impõe a renúncia e o sofrimento em nome de um Ideal de amor.

Os caminhos trilhados por Carlos e Vasco, em *Viagens na minha terra* e em *O arco de Sant’Ana*, se não são iguais, são pelo menos semelhantes ou talvez um a outra face da moeda em que vemos cunhada a efigie do outro.

Carlos e Vasco estão remetidos ao amor ao pai. Ambos colocam o pai como aquele que impediria o acesso à satisfação plena. É também talvez o que os “impede”, embora não por completo nem para sempre, no encontro com uma mulher.

Carlos torna-se barão e abre mão de fazer uma escolha entre Joaquina e Georgina. Casa-se com o dinheiro. E confessa-se inconsistente e monstruoso por amar duas mulheres.

Vasco só consegue sair deste impedimento lançando mão de um

Ideal, o do encontro com uma mulher em que nada faltaria. Ambos estão no “tudo ou nada”. O fim d’ *O arco de Sant’Ana*, Garrett escusa de contar-nos a história do casamento. No campo social, a vitória sobre o Bispo representa a solução ordeira da monarquia constitucional (que coaduna o novo ao velho, é o chamado sistema misto), de onde não está excluído o perdão ao pai (o Bispo).

V.

Garrett esboça uma saída ao impasse amoroso (amar / querer) na correspondência à Viscondessa da Luz e na poesia, a partir do momento em que o objeto causa de desejo desenha-se como indecível: nem totalmente anjo, nem totalmente mulher. Mas isto não se sustenta por muito tempo. Ele retorna ao impasse, nuclear em sua obra, no momento em que na correspondência escreve-lhe “tu não me amas, queres-me” e na poesia “não te amo,/ quero-te”. O estigma de indignidade vem recobrir a falta; e a renúncia vem reiterar a suposição enganosa e enganada de que seria possível de dois fazer Um. Isto é o que a correspondência e a poesia nos mostram em suas linhas mais marcantes. Mas será que foi isto mesmo o que se passou entre os amantes?

No campo dos embates sociais, também temos uma saída esboçada: o perdão aos crimes do pai e o sistema misto de governo (monarquia constitucional). Garrett lutou muito como homem público neste campo: pelo fim das lutas fratricidas, contra as perseguições movidas pelos liberais aos miguelistas, contra a ditadura cabralista, por uma democracia, que, sabia-se, seria mesmo frágil inicialmente. Mas vá lá... Seu apelo à ordem, sua aposta na Regeneração (que se inicia em 1851) tem a ver com a memória que não apagara os exílios e as misérias dos anos 20 e inícios dos 30. Mas também: com a repulsa aos excessos praticados pelos novos barões do liberalismo e com o temor do retorno das velhas “oligarquias anãs do século” (GARRETT, 2004b, p. 56)

É conhecida a imagem a que Garrett recorre para defender a saída considerada então “ordeira”: a metáfora do Porto Pireu. Um cidadão de Atenas, que não tinha onde cair morto, crê serem seus todos os navios que entravam na barra do Pireu. Viveu enganado. Evocando tal ideia, Garrett lembra quantos enganados cercavam também a civilização liberal. Para que se seguisse na fidelidade à Liberdade e à Igualdade, era preciso enfrentar o país real: como era e não como tantos sonhavam. Era preciso a tal “broca da análise”⁷, de Mouzinho da Silveira,

para penetrar e entender as contradições daquele mundo regido por el-rei Sancho Pança⁸. Estavam no Porto Pireu, sim. Muitos cobriam ainda “as casacas bordadas de barões feudaes com a sotana de tribuno” (GARRETT, 1904, p. 94), mas o povo, o “povo-povo”⁹ havia ainda de abrir-lhes a sotana e ver-lhes as fardas “em todas as costuras”, a “presumpção” e o “orgulho de fidalgos novos (GARRETT, 1904, p. 95).

Ao recuo de Carlos, de *Viagens na minha terra*, que se rende ao baronato, Garrett contrapõe o acordo, a concórdia final de *O arco de Sant’Ana*, cujo segundo volume é de 1850. Em 1851, começa a Regeneração. A aposta de *O arco de Sant’Ana* é no equilíbrio povo-trono e numa religião renovada. Detenhamo-nos neste ponto: foi de fato tal proposta melhor para o país? Iniciou-se mesmo então um tempo de concórdia? Ou, contrariamente ao que propôs Garrett, entraram, sem perceber, uma vez mais, no Porto Pireu? A crença na civilização liberal, Garrett a manteve, a despeito de tudo, até o fim. Os momentos de vacilação não foram poucos. Lembrem-nos a lição benjaminiana – que veio muito depois, mas nem por isso é anacrônica – de que não há civilização sem barbárie.

ABSTRACT

The article deals with love and the paternal issue in Almeida Garrett’s late work, linking life and work, love letters with *Viagens na minha terra* (1843-1845-1846), *O arco de Sant’Ana* (1845-1850) and the poetry, *Flores sem fruto* (1845) and *Folhas caídas* (1853).

KEY WORDS: intimacy, public sphere, private sphere, Garrett’s late work (1843 - 1854)

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Francisco Gomes de. *Garrett – Memórias biográficas*. Lisboa: Imprensa Nacional, tomo III, 1884.
- DAVID, Sérgio Nazar. *O século de Silvestre da Silva. Vol. 1. Estudos sobre Garrett, A. P. Lopes de Mendonça, Camilo Castelo Branco e Júlio Dinis*. Lisboa: Prefácio, 2007.
- _____. *O século de Silvestre da Silva. Vol. 2. Estudos queirosianos*. Rio de Janeiro: 7Letras / FAPERJ, 2007.
- DINIS, Júlio. *Obra Completa*. 2 vols. Porto: Lello & Irmão Editores, s./d.
- FREUD, Sigmund. *Contribuições à psicologia do amor*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- _____. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- GAY, Peter. *A educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- GARRETT, Almeida. *Obras completas de Almeida Garrett. Vol. XXVI. Discursos parlamentares*. Lisboa: Empresa da História de Portugal, 1904.
- _____. *O Arco de Sant'Ana. Crónica Portuense*. Edição de Maria Helena Santana. Lisboa: IN-CM, 2004.
- _____. *Viagens na minha terra*. Edição de Augusto da Costa Dias. Lisboa: Portugália, 1963.
- _____. *Flores sem fruto / Folhas caídas*. Texte établi, avec variantes, notes et introduction par R. A. Lawton. Paris: Presses Universitaires de France, 1975.
- _____. *Cartas de amor à Viscondessa da Luz*. Edição de Sérgio Nazar David. Rio de Janeiro, 7Letras, 2004a.
- _____. *O arco de Sant'Ana. Crónica portuense*. Edição de Maria Helena Santana. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2004b.
- _____. *Cartas de amor à Viscondessa da Luz*. 2ª. edição revista. Edição de Sérgio Nazar David. Famalicão, Edições Quasi, 2007.
- LACAN, Jacques. *O seminário. Livro 8. A transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- MARTINS, Oliveira. *Portugal Contemporâneo*. 2 ed. Lisboa: Europa-América, 1967. 2 vol.
- MENDONÇA, A. P. Lopes de. *Memórias de litteratura contemporanea*. Lisboa: Typografia do Panorama, 1955.
- MEZAN, Renato. *Tempo de muda*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MONTEIRO, Ofélia Paiva. *O essencial sobre Almeida Garrett*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001.

QUEIRÓS, Eça de. *Os Maias*. Porto: Lello & Irmão, s. / d.

_____. *José Matias*. Edição de Sérgio Nazar David. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

PATO, Bulhão. *Memórias*. Org. de Vítor Wladimiro Ferreira. Lisboa: Perspectivas & Realidades, tomo I, s./d.

NOTAS

¹ Este aspecto da obra de Garrett está muito bem desenvolvido e fundamentado em MONTEIRO, 2001. Destaco, do capítulo II, “O itinerário ideológico”: “(...) o Garrett da maturidade, como afinal o Garrett da juventude, dava uma perspectiva religiosa a toda a sua ideologia, gizando-a sobre os valores que sempre defendera – Razão, Virtude, Felicidade.” (p. 36)

² Cf. “Introdução” que preparei a GARRETT, 2004a, p. 28.

³ Carta publicada por Luís Augusto Costa Dias, no Jornal *O Público*, em 9/12/2004, p. 3. O manuscrito autógrafo encontra-se na BNL, no espólio de Rodrigo da Fonseca Magalhães.

⁴ O texto do Oliveira Marreca, “É clássico ou romântico?”, foi publicado no dia 8 de abril de 1845, no nº 1204 de *A Revolução de Setembro*. O de Lopes de Mendonça, “Não houve desapontamento quando chegou o livro que se fizera tanto esperar”, foi publicado no dia 28 de fevereiro de 1851, no nº 2681. Entretanto, em *Memorias de litteratura contemporanea*, obra de 1855, Lopes de Mendonça já vê *O Arco de Sant’Ana* com alguma reserva. Considera que o romance não cumpre o que Garrett propõe no PRÓLOGO: fazer do livro arma contra as oligarquias eclesiásticas. Para Lopes de Mendonça, o Bispo é um “sacerdote dissoluto”, mas “não representa fielmente o quadro das aspirações, e dos manejos clericais”. “Os romances”, conclui Mendonça, “podem, dentro da sua esfera, doutrinar o espirito das gerações, tornarem-se um elemento de propaganda intellectual; mas não acreditamos que o Arco de Sant’Ana conseguisse este fim, traçado na graciosa e elegante miniatura de um facto isolado.” Cf. MENDONÇA, 1855, p.102.

⁵ Ver nota 1.

⁶ Cf. QUEIRÓS, 2006. Esta edição tem como texto-base a lição da *Revista Moderna* (de 1897), última sendo ainda vivo o autor. Cf. DAVID, 2007. Neste volume, nomeadamente no capítulo intitulado “O Mundo, o Diabo e a Carne –

Eça de Queirós e os inimigos da Alma”, estudo o romance *Os Maias* e o conto “José Matias”.

⁷ A famosa expressão de Mouzinho é lembrada por MARTINS, s./d. vol. I, p. 366.

⁸ Cf. *Viagens na minha terra*, capítulo II (GARRETT, 1963, p. 16-21)

⁹ Cf. *Viagens na minha terra*, capítulo XLII: “Mais dez anos de barões e de regímen da matéria, e infalivelmente nos foge deste corpo agonizante de Portugal o derradeiro suspiro do espírito. // Creio nisto firmemente. // Mas ainda espero melhor todavia , porqueo povo, o povo-povo, está são: os corruptos somos nós os que cuidamos saber e ignoramos tudo.” (GARRETT, 1963, p. 300) O discurso parlamentar chamado “de Porto Pireu” é de 8 de fev. de 1840 (GARRETT, 1904, p. 51-95)

Data de recebimento: 10 março 2009

Data de aprovação: 30 abril 2009